

## A “forma-linguagem” utilizada por Karl R. Popper

### The “language-form” used by Karl R. Popper

VINÍCIUS REIS DE SIQUEIRA<sup>1</sup>

ANTÔNIO CARLOS PERSEGUEIRO<sup>2</sup>

**Resumo:** Karl Raimund Popper tratou de vários tópicos em sua vida acadêmica, sendo um deles a linguagem. A pretensão de tal autor durante suas várias investigações filosóficas foram desenvolvidas com o intuito de que o conhecimento produzido pelo mesmo convergissem em sua Cosmologia, a qual estaria relacionado a sua filosofia da ciência. O objetivo do presente trabalho é observar e relacionar a linguagem utilizada por Popper, e sua filosofia. Pode ser hipotetizado que a linguagem não expressa tudo porque não temos acesso a tudo, e nossa linguagem expressa quem nós somos – seres incompletos. A ciência pode ser considerada enquanto a escolha de Popper pelo empenho científico como o meio mais eficaz para a construção de um conhecimento (e consequentemente um mundo) que não é baseado em características deficientes e/ou não confiáveis do homem, como arbitrarismo ou dogmatismo.

**Palavras-chave:** Popper. Filosofia. Linguagem.

**Abstract:** Karl Raimund Popper dealt with various topics in his academic life, in which one of such topics was language. The pretention of this author during his various philosophical investigations was developed with the intention that the knowledge produced by the same converged in his Cosmology, which would be related to his philosophy of science. The objective of this work is to observe and relate the language used by Popper, and his philosophy. It can be hypothesized that language does not express everything because we do not have access to everything, and our language expresses who we are - incomplete beings. Science can be considered as Popper's choice for scientific endeavor as the most effective means of constructing a knowledge (and consequently a world) which are not based on deficient and/or unreliable characteristics of man, such as arbitratism or dogmatism.

**Keywords:** Popper. Philosophy. Language.

## Introdução

Este trabalho busca observar a forma (a linguagem) que Karl Raimund Popper se expressa em sua comunicação junto à comunidade científica e filosófica, e sua relação com sua própria filosofia.

Deve ser notado que apesar de a linguagem não ter sido o foco de sua filosofia da ciência, sua epistemologia ou mesmo a filosofia política de Karl Popper, tal autor

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea na Linha Metafísica e Conhecimento pela UNIOESTE - Toledo/PR. E-mail: sssneza@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Brasil. Licenciado em Filosofia (UNICENTRO, 2003-2006) e História (Centro Universitário Claretiano, 2017/andamento). Especialista em Filosofia e Sociologia (UNICENTRO, 2007). Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea (UNIOESTE, 2012-2014). E-mail: prof.antoniusscarlus@gmail.com.

não desconsiderou a importância da linguagem na produção e debate do conhecimento humano, e como tal será discutido, de forma sucinta, no decorrer deste trabalho as contribuições de Popper sobre o tema da linguagem.

Popper, no entanto, não esquematizou linearmente ou tratou do tema da linguagem em algum texto ou livro específico, podendo-se estudar tal tema somente ao investigar vários trabalhos de tal autor em que este menciona ou trata deste assunto, como por exemplo, em seu artigo “O Conhecimento e o Problema Corpóreo” (1982), entre outros.

Destaca-se a importância do presente estudo, ao considerar que, ao se buscar compreender a teoria do conhecimento de um determinado autor, invariavelmente se questiona a relação entre o conhecimento produzido e o sujeito conhecedor, recaindo-se inevitavelmente na questão da linguagem, pois é primordialmente através desta que o mundo é apreendido, representado e compartilhado na produção humana do conhecimento. Este estudo busca observar as nuances entre o conhecimento produzido por Popper, e sua relação com a forma que tal autor expressa sua filosofia.

A fim de alcançar o objetivo estabelecido acima, primeiramente será apresentado a concepção do que é linguagem para Popper; e em seguida será oferecido uma breve análise (através do trabalho de falseabilidade da ciência) da relação entre o conhecimento produzido por Popper e a forma de expressão de tal conhecimento por tal autor.

38

### **A questão da linguagem para Popper**

Deve-se salientar que para Popper, todo o conhecimento desenvolvido por um cientista (ele mesmo incluso) tem um papel integrativo ao formular sua Cosmologia, isto é, uma proposta coerente de teorias que formam uma visão de mundo ordenada e abrangente (POPPER, 1972).

Popper descreve a realidade enquanto multifacetada e multirelacional, tendo esta três faces ou mundos como o mesmo denominou. O “mundo 1” é o mundo físico, constituído pelo que o autor definiu, de forma que pode até ser considerada jocosa, enquanto aquilo que pode ser chutável e pode em princípio chutar de volta (Popper, 1982, p. 116). O “mundo 2” é aquele composto por eventos mentais, que não podem ser observados diretamente, todavia são passíveis de serem observados por seus efeitos através da produção científica de teorias e teses (resolvidos ou não), o qual o autor denominou de “mundo 3”.

Entre os três mundos descritos por Popper, o mundo 3 teria um papel mais importante, na concepção do autor, pois é através deste que é possível alcançar um conhecimento objetivo (passível de ser *falseado* e *testado*), considerando tal empreendimento como “o ápice evolutivo da inteligência e do próprio

conhecimento” (Popper, 2002, p. 18). Sendo importante ser notado que o mundo 3 se apresenta através da linguagem, na produção textual (livros, artigos, etc.) ou até verbal (debates científicos, entre outros).

Dado o predomínio epistemológico subjetivo ao se tratar da linguagem (como por exemplo o círculo de Viena como Persegueiro, 2012 muito bem tratou), o autor austríaco coloca sua posição de reconhecer a importância da produção subjetiva do conhecimento (conhecimento produzido pelo mundo 2 por intermédio com o mundo 1), todavia coloca sua posição de que o mundo 3 é um mundo independente e ontologicamente distinto do mundo 2 e 1, idealmente regido (o mundo 3) pela crítica racional e a objetividade (Popper, 1975).

O conhecimento objetivo, do qual o mundo 3 é construído, é manifestado pela linguagem (em teorias publicadas em livros, revistas etc.), em um processo idealmente acumulativo e dependente do homem que o constrói, que está inevitavelmente inserido dentro de uma dimensão cultural e histórica, todavia tal conhecimento deve prevalecer frente aos elementos subjetivos da atividade humana, como valores pessoais, econômicos, religiosos, etc., privilegiando a conformidade do conhecimento com o modo como as coisas são no mundo<sup>3</sup>.

Popper estabelece o mundo 3 como aquele composto por objetos materiais de produção humana enquanto independentes ao argumentar que o conhecimento objetivo se mantém por si próprio através das relações lógicas que os “enunciados científicos” mantêm uns com os outros enquanto compatíveis ou incompatíveis com determinadas teorias cosmológicas (POPPER, 1977).

De acordo com Popper, o mundo 3 emerge do contato do mundo 2 (dotado de subjetividade) com o mundo 1, mas ainda assim, através do esforço à objetividade centralizado na busca pela razão, o autor considera a possibilidade de ultrapassar os vícios do subjetivismo, alcançado o que pode ser interpretado como uma esfera mais “elevada” do pensamento humano – o conhecimento objetivo.

Constata-se que o conhecimento objetivo possui uma existência objetiva, independente e real, todavia tal existência se deve a partir da “comunicação” que a comunidade científica estabelece entre seus membros - que são os produtos do mundo 3 (artigos, revistas, livros, etc.).

Popper estabelece que os três mundos do qual discorre tem uma relação integral, e o papel da linguagem em tal interação é incontornável, pois é através da linguagem que os elementos e vivência dos três mundos serão conectados (Persegueiro, 2014).

---

<sup>3</sup> Para Popper, a verdade é uma ideia reguladora que serve como uma bússola para que se possa encontrar e se afastar do erro, considerando que a verdade científica muda constantemente através do refinamento do conhecimento objetivo, como constatado por Kuhn (DEAGON, 2013).

Ao tratar do nexos entre objetos físicos, eventos mentais e o conhecimento científico coloca que através do mundo 3 é possível modificar o mundo 1 e 2, visto que o mundo 3 pode vir a se cristalizar através da tecnologia, tratando então a linguagem enquanto meio para os três mundos interagirem e se complementarem (Popper, 2002).

Para Popper (1974, p. 192):

O ponto decisivo é, ao que julgo, o de podermos colocar à nossa frente pensamentos objetivos – isto é, teorias – de maneira tal que tenhamos como criticá-los e discuti-los. Para tanto, impõe-se que lhe demos uma forma especialmente linguística mais ou menos permanente.

A preocupação de Popper referente a linguagem se volta em vários momentos contra o subjetivismo, o essencialismo e o dogmatismo, aspectos ligados ao cotidiano e vida prática de indivíduos e grupos. O propósito de Popper, “ao manusear *A lógica da pesquisa científica* (sobretudo o prefácio de 1959), *Conhecimento objetivo* e *O conhecimento e o problema corpo-mente*, percebe-se que há o esforço em ampliar o que se sabe (ou se julga saber) sobre o mundo” (PERSEGUEIRO, 2014, p. 46).

Popper se posiciona claramente contra a tentativa de fazer uma filosofia da linguagem quando fala que (1975, p. 81) “não tenho o mínimo interesse por definições ou pela análise linguística de palavras e conceitos.”<sup>4</sup> Todavia, no propósito de tentar alcançar teorias mais refinadas, e passíveis de confrontação e atualização, Popper tratou do assunto referente aos “enunciados” com o intuito de considerar uma linguagem mais apurada a fim de se alcançar um conhecimento mais objetivo (POPPER, 1975).

Ao tratar a linguagem, Popper descreve enquanto num nível inferior as funções autoexpressão e de sinalização, ambas comuns aos homens e animais, conceptualizando a primeira referente a comunicação através de gestos faciais e/ou movimentos corporais; a segunda se refere a mostrar e responder dependendo da emissão de comportamentos de outro organismo (POPPER, 1975).

Em um nível mais superior, Popper trata das funções descritiva e argumentativa da linguagem humana. Da [...] função descritiva da linguagem humana, emerge a ideia reguladora de verdade, isto é, de uma descrição que se ajusta aos fatos” (POPPER, 1975, p. 121). A função argumentativa, se conecta a função descritiva, e pode ser definida por Popper como argumentos acerca de descrições

---

<sup>4</sup> Popper faz esta colocação talvez como uma crítica a Carnap que defende a definição, pois considera que este último autor não vê que através de definições só são resolvidos problemas verbais (POPPER, 1987b, p. 35). Popper também se posiciona colocando que “Não acredito em definições, e nem que elas aumentem a exatidão; e detesto termos pretensiosos e a pseudo-exatidão que lhes e correspondente” (POPPER, 1983, p. 41).

e/ou pontos de vista de ideias reguladoras de verdade, função imprescindível à crítica científica.

Ao apresentar as quatro funções previamente descritas, Popper se propõe a utilizá-las como formas de detectar incoerências, contradições, arbitrariedades, excessos e distorções (PERSEGUEIRO, 2014). Segundo Popper (1975, p. 121) “[...] com o desenvolvimento de uma linguagem descritiva (e mais, de uma linguagem escrita<sup>5</sup>) pode emergir um terceiro mundo linguístico, e só deste modo, e só neste terceiro mundo, que se podem desenvolver os problemas e os padrões da crítica racional”.

De forma ainda mais específica, Popper tratou sobre certas formas linguísticas ou enunciados, em especial os enunciados: singulares; universais; sintéticos; analíticos; empíricos; atômicos; básicos; existenciais; e de teste. O motivo de selecioná-los se deve a constantes menções no livro *A Lógica da Pesquisa Científica* (PERSEGUEIRO, 2014).

O autor austríaco, no entanto, não busca conceituar tais enunciados, considerando tal tarefa como desnecessária, buscando analisar os enunciados acima citados frente ao desenvolvimento do conhecimento objetivo. Schorn (2012, p. 03) coloca o empreendimento científico “[...] pode ser percebido como um procedimento sistêmico no âmbito da linguagem pois toda a sua atividade consiste em formular sistemas de enunciados para, no momento seguinte, submetê-los a crítica e, quando há pretensões científicas, testá-los à luz da empiria”.

Dentre os enunciados tratados por Popper (1972, p. 66), este autor aparenta considerar como mais valia os enunciados singulares, pois estes “[...] dizem respeito apenas a certas regiões do espaço e do tempo”, uma vez que tal enunciado se conforma a sua posição anti-inducionista de ciência, pois considera o conhecimento como circunscrito dentro do espaço e tempo, sendo falha a tentativa de buscar elencar leis universais (enunciados universais) a partir de casos singulares pois não é sustentável que uma amostra represente a totalidade, considerando a indução um empreendimento falho por não se ter controle sobre todas as variáveis no futuro. Colocando de outra maneira, Popper sustenta que o passado não pode estabelecer o futuro, porque as variáveis do passado não estão necessariamente presentes no futuro, pois este ainda não aconteceu, se posicionando enquanto um indeterminista em relação ao futuro – um futuro aberto as possibilidades de mudança, que é a característica do futuro: mudar.

---

<sup>5</sup> A linguagem escrita é a preferida de Popper (1975, p. 117), uma vez que frente a uma situação catastrófica “[...] depois de ter perecido a raça humana, alguns livros ou bibliotecas possam ser encontrados por alguns sucessores nossos civilizados (não importa que sejam animais terrestres, que se hajam civilizado ou alguns visitantes do espaço exterior.) Esses livros podem ser decifrados. Podem ser aquelas tábuas de logaritmos nunca antes lidas, só para argumentar. Isso torna inteiramente claro que nem sua composição por animais pensantes nem o fato de não haverem sido realmente lidos ou entendidos é coisa essencial para fazer de algo um livro, sendo suficiente que possa ser decifrado.”

Popper (1972) analisa enunciados existenciais enquanto subproduto de enunciados universais, pois ao se enunciar leis universais, como “só existem corvos pretos”, invariavelmente você está sinalizando uma existência (ou não dependendo da lei), considerando que tais enunciados se mostram fechados a possibilidade de falseamento.

O autor austríaco se posiciona a favor também de enunciados sintéticos, pois estes portam novas relações surgidas a partir da investigação científica, comentando ainda que tais asserções não necessariamente precisam se basear apenas em evidências empíricas, considerando o conhecimento objetivo metafísico (que só existem no mundo das ideias lógicas) como válido.

Enunciados empíricos seriam aqueles provindos da experiência sensível e de situações concretas “[...] caracterizados como aqueles cujo grau de falseabilidade coloca-se dentro do intervalo aberto, de que são extremidades os graus de falseabilidade das autocontradições, por um lado, os graus de falseabilidade das tautologias, de outro.” (Popper, 1972, p. 131).

Popper (2010, p. 208) se intitula “[...] em primeiro lugar, indeterminista, em segundo, realista, e em terceiro, racionalista”, isto é, reconhece a existência de um mundo real (independente do homem), todavia utiliza-se do ceticismo como um “escudo” para se defender de informações “errôneas” provindas pela observação deste mundo (SHORN, 2008).

Os enunciados atômicos são, via de regra, indicadores de quantificação, e não possuem conectivos, isto é, é um enunciado sem ligação com seus componentes mais fundamentais<sup>6</sup> (POPPER, 1975).

São mencionados ainda no trabalho de Popper (1972) os enunciados básicos ou de prova os quais “visam demonstrar, mediante contato com a experiência, ou quando a mesma lhes solicita, a veracidade de determinado plano factual, em antecedência à conclusão do raciocínio” (PERSEGUEIRO, 2014, p. 64).

Enunciados de testes seriam enunciados que admitam o procedimento de falseamento. Popper (1972, p. 49) coloca que o “[...] intersubjetivo implica em que outros enunciados suscetíveis de teste possam ser deduzidos dos enunciados que devam ser submetidos a teste.”

A razão para não se conseguir discutir conhecimento sem necessariamente tratar sobre a linguagem, recai sobre concepção de que todas as línguas são impregnadas de teoria, devendo ser salientado a posição de Popper (1972) de que a linguagem não é o “mundo real” somente uma possível percepção deste último. Ademais, considera-se que Popper se propôs a tratar dos enunciados acima

---

<sup>6</sup> Popper combate Wittgenstein, que de acordo com Semenov (2012, p. 32) possui um tipo de fetichismo pela definição, considerando que a “[...] ciência traz novos problemas que levam para bem longe da linguagem preparada, construída” (POPPER, 1987b, p. 34).

mencionadas a fim de instigar uma reflexão na comunidade científica a fim de refinar a linguagem buscando depurar enunciados, observando as consequências e possíveis correções sobre o processo de construção do conhecimento objetivo.

Popper (2004) sugere a outros que considerem embarcar na produção de conhecimento objetivo para expressar todo pensamento formulado de forma mais clara e simples quanto possível, reconhecendo ainda o esforço envolvido em tal empreendimento.

Tratando da questão da linguagem em Popper, Persegueiro (2014, p. 71) avalia:

[...] que longe de menosprezar a filosofia da linguagem, Popper visa superar e, de igual modo, avançar no detalhado exame de enunciados e proposições, de forma que, tanto a Filosofia, quanto as Ciências possam, constantemente, melhorar seus préstimos, afinal, o homem anseia entender e perpassar o mínimo que sabe – ou pensa saber – a respeito de si e do que se encontra à sua volta. Para isto, a linguagem passa a ser incontornável.

### **A linguagem/escrita de Popper**

O conceito de falseabilidade encontra-se com um dos conceitos mais reconhecidos de Popper, considerando tal processo enquanto válido para correção, ajustamento e acumulação de conhecimento científico rigoroso. O autor elege a falseabilidade enquanto mecanismo para *demarcação* entre ciência e pseudociência<sup>7</sup>.

Considerando o foco do autor sobre tal tema, é possível compreender porque parte de sua produção científico e filosófica tenha sido gasta criticando grupos de pesquisadores que se posicionam a favor ou contra uma determinada visão de mundo (cosmologia). Não será possível abarcar todos os grupos, temas e assuntos que Popper criticou, todavia apresentarei alguns exemplos da produção de tal autor a fim de observar sua linguagem. Escreve numa longa nota Popper (1972, p. 64; 65):

Após o colapso do Império austríaco, a Áustria havia passado por uma revolução: a atmosfera estava carregada de *slogans* e ideias revolucionárias; circulavam teorias novas e frequentemente extravagantes. Dentre as que me interessavam, a teoria da relatividade de Einstein era sem dúvida a mais importante; outras três eram a teoria da história de Marx, a psicanálise de Freud e a “psicologia individual” de Alfred Adler. [...]. Durante o verão de 1919, comecei a me sentir cada vez mais insatisfeito com essas três teorias

<sup>7</sup> Mello (2015) considera Popper enquanto possuindo características de um ultradarwinista, uma vez que seu raciocínio a respeito da falseabilidade e a demarcação entre ciência e pseudociência se assemelham ao processo de seleção do mundo biológico, tal como proposto por Darwin. As teorias, de acordo com Popper, podem ser observadas enquanto variações de propostas acadêmicas e são selecionadas porque melhor explicam determinado fenômeno, versus outras teorias que são refutadas e/ou eliminadas por não condizerem com a mundo.

[...] passei a ter dúvidas sobre seu *status científico*. Meu problema assumiu, primeiramente, uma forma simples: “O que estará de errado com o marxismo, a psicanálise e a psicologia individual? Por que serão tão diferentes da teoria de Newton e especialmente da teoria da relatividade? [...]”. Os analistas freudianos afirmavam que suas teorias eram constantemente verificadas por “observações clínicas”. Quanto a Adler, fiquei muito impressionado por uma experiência pessoal. Certa vez, em 1919, informei-o de um caso que não me parecia ser particularmente adleriano, mas que ele não teve qualquer dificuldade em analisar nos termos da sua teoria do sentimento de inferioridade, embora nem mesmo tivesse visto a criança em questão. Ligeiramente chocado, perguntei como podia ter tanta certeza. ‘Porque já tive mil experiências desse tipo’ - respondeu; ao que não pude deixar de retrucar: ‘Com este novo caso, o número passara então a mil e um ...’ O que queria dizer era que suas observações anteriores podiam não merecer muito mais certeza do que a última; que cada observação havia sido examinada a luz da ‘experiência anterior’, somando-se ao mesmo tempo as outras como confirmação adicional.

Uma característica da escrita de Popper observada no texto acima é a utilização de exemplos de sua própria história de vida a fim de conduzir o leitor a percorrer o mesmo caminho que levou ao autor a levantar seu conceito de falseabilidade. Considera-se que tal forma de escrita seja benéfica ao criar possivelmente um sentimento de empatia entre leitor e autor (ao descrever e tratar de situações pessoais), ainda mais se considerando se tratar de um aspecto abstrato (falseabilidade dentro da ciência), enquanto que o autor apresenta o argumento conjuntamente a eventos concretos.

Ao se observar o texto apresentado acima, também é possível hipotetizar a respeito do que o autor pretende instigar através de tal linguagem/escrita, pois, o autor, ao se colocar no embate contra o que podem ser considerados como sistemas de ideias de pretensão científica e social relativamente bem estabelecidos (marxismo, psicanálise, etc.), pode estimular nos leitores uma posição inquisitiva e de ação (ação que Popper faz através de sua escrita ao descrever e servir de modelo a outros) através da discussão racional.

Indiretamente Popper trata da questão da melhoria e evolução referente ao conhecimento científico, o que pode levar a um processo de instigar esperança e mudança em um mundo melhor (mundo este transpassado pelo conhecimento científico em quase todas as áreas do ser humano), considerando que o próprio autor se descreve como “[...] um dos últimos paladinos do Iluminismo” (POPPER, 1987b, p. 22), movimento que historicamente está interligado a busca de esclarecimento e melhora das condições humanas.

É interessante notar que apesar de não tratar objetiva e/ou extensivamente sobre o tema da matemática, Popper abordou algumas considerações quanto a

utilização da linguagem matemática a fim de conjecturar hipóteses, considerando a produção matemática quanto pertencente ao “terceiro mundo” (BERTATO, 2010). Gostaria neste momento de observar um parágrafo, que apresenta a “linguagem” matemática, que serve de base para algumas considerações:

Se a sentença ‘ $2 + 2 = 4$ ’ serve para calcular, isto é, para descrever certos fatos físicos (e o símbolo ‘+’ representa uma manipulação física), então a interpretação de ‘ $2 + 2 = 4$ ’ torna-se uma teoria física e, portanto, refutável (POPPER, 1963, p. 211).

Um ponto a ser considerado se refere ao fato que uma parte do desenvolvimento científico, tal como o aqueles desenvolvidos pela física, impreterivelmente, se baseiam na matemática para sua evolução, e conseqüentemente, é limitado por este tipo de linguagem, pois depende do desdobramento e sua estrita forma de estudo e relação para sua evolução. Para Popper, a matemática é considerada (enquanto possibilidade de explicação) como sistemas semânticos projetadas com a intenção de demonstrarem relações entre certos fatos, podendo a matemática ser considerada enquanto artificial por ser uma linguagem que tem como possibilidade observar e descrever novos significados linguísticos (novas relações), considerando ainda que o cálculo aritmético serve para descrever relações que não poderiam ser descritas que não através da linguagem matemática<sup>8</sup>.

45

### Conclusão

Não é o intuito deste trabalho esgotar todas as formas de escritas/linguagens tratadas em Popper, mas através de alguns recortes observar a relação de que a razão por grande parte do trabalho de Popper ser uma crítica a várias formas de sistemas de ideias tem como objetivo demonstrar (e fazer-se compreender e aceitar) o conceito da falseabilidade.

Popper em momentos de sua obra abrangeu o tópico da linguagem, todavia é marcante a sua posição de se estender a tratar e se focar sobre tal assunto, uma vez que este autor considera a importância da linguagem relacionada a seu próprio empreendimento de discutir a epistemologia da ciência e conhecimento, podendo-se assim se considerar que a linguagem tem um papel inelipsável dentro da Cosmologia de Popper.

A linguagem tem tal importância para Popper, que o mesmo hipotetiza que o processo para se desenvolver as funções superiores mentais (e.g. raciocínio) dependem da Linguagem para seu desenvolvimento, uma vez que o autor escreve:

---

<sup>8</sup> Enquanto um realista cético, Popper (1963) considera que quando um cálculo é aplicado a realidade, e pode vir a perder seu aspecto lógico, tornando-se passível de ser refutado empiricamente, por outro lado, se tal cálculo é considerado irrefutável é averiguado enquanto não aplicável à realidade.

“não há nada tão importante como a linguagem: minha teoria é que é pela linguagem que nos tornamos humanos e que a consciência humana – a consciência de eu – e uma consequência da linguagem” (POPPER, 1994, p. 71).

Popper refere o mundo como linguagem, enquanto referência de algo que não é linguagem mas é descrito como tal, assim, nunca é descrição do que é, somente uma interpretação humana do que é.

Nossa linguagem não expressa tudo porque não temos acesso a tudo, e nossa linguagem expressa quem nós somos – seres incompletos – incapazes de construir uma imagem completa da realidade, pois nós mesmo não somos o “demônio de Laplanche”<sup>9</sup>. A ciência pode ser a hipotetizada enquanto a escolha de Popper por considerar o empenho científico como o meio mais eficaz para a construção de um conhecimento (e consequentemente um mundo) que não é baseado em arbitrarismo ou dogmatismo.

Popper, graças a sua longevidade (e genialidade) foi prolifero o bastante a fim de poder se posicionar sobre muitos temas, entre eles a linguagem, “Popper mostramos o próprio “entre linhas” a ser lido e ainda nos diz como lê-lo.” (SEMENOV, 2012, p. 295), conseguindo assim se posicionar sobre o que compreender e como gostaria de ser compreendido referente a sua linguagem.

## Referências

- BERTATO, F. M. “A filosofia da matemática de Popper”, in: *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 10, p. x-x, 2010.
- DEAGON, A. Popper or Kuhn: Truth and the progress of science. In: *Perspectives on Progress Conference*, 27-29 November 2013, University of Queensland, Brisbane, Qld. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/93771/>>. Acesso em: 04/09/2017
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian, 1985.
- MELLO, É. L. de. *Ultradarwinismo em K. R. Popper & B. F. Skinner*. Brasília, Instituto Walden4, 2015.
- MILLER, D. (Org.). *Popper*. Textos escolhidos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2010.
- PERSEGUEIRO, A. C. *A questão da linguagem na filosofia de Popper*. Toledo, UNIOESTE, PR, 2014, [s/n.] [Dissertação Mestrado].
- PERSEGUEIRO, A. C. Conhecimento objetivo e teoria dos três mundos. A articulação desenvolvida pela epistemologia de Karl Raimund Popper, in: *Escritos (Curitiba)*, v. 12, p. 22-30, n. 2016.
- PERSEGUEIRO, A. C.; SCHORN, R. O impasse entre Popper e o Círculo de Viena: a linguagem enquanto problema filosófico - Sessão Temática Fil. e Hist. da Ciência. In: XV Encontro Nacional da ANPOF, 2012, Curitiba. *Anais do XV Encontro da ANPOF*. Curitiba: ANPOF, 2012.v. 1.p. 83-83.

---

<sup>9</sup> O "demônio de Laplace" seria uma entidade que poderia ter pleno conhecimento sobre todos os fatos.

- POPPER, K. R. *Autobiografia intelectual*. São Paulo: Cultrix/EPU, 1977.
- \_\_\_\_\_. "The demarcation between science and metaphysics". In: SCHILPP, P. A. (Org.). *The Philosophy of Rudolf Carnap*. La Salle: Open Court, 1963.
- \_\_\_\_\_. *A lógica da pesquisa científica*. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Conjecturas e refutações*. Tradução de Sergio Bath. Brasília: Editora UNB, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O realismo e o objectivo da ciência: 10 volume do Pós-escrito a Lógica da Descoberta Científica*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The open universe: An argument for indeterminism*. 3. ed. London: Routledge, 1988.
- \_\_\_\_\_. Models, Instruments and Truth – The status of the rationality principle in social sciences. In: POPPER, K. *The myth of the framework: in defence of science and rationality*. London and New York: Routledge, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O conhecimento e o problema corpo-mente*. Lisboa: 70, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Lógica das ciências sociais*. 3 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Conhecimento objetivo*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1974 (1934).
- SCHORN, R. *Como chegamos ao conhecimento? Metafísica, crítica e legitimidade*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2012.
- SCHORN, R. *O problema da verdade do conhecimento no racionalismo crítico*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, 262 f. [Tese de Doutorado].
- SEMENOV, M. M. R. *Linguagem e conhecimento: Karl Popper e a questão da comunicação*. PUC-SP, 2002, [s/n.] [Tese de Doutorado].
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Submissão: 20. 11. 2017 / Aceite: 25. 02. 2018.